



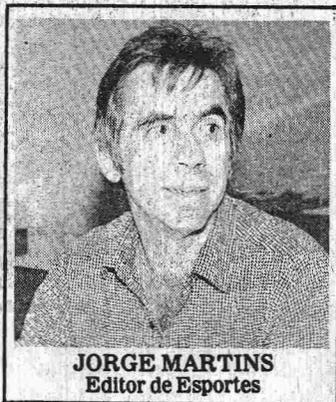
Tiradentes x Ceilândia: a luta para se manter o time na competição

Paixão de fora é o entrave

Lutar contra a paixão desenfreada que aqueles que chegam a Brasília procedentes de outros Estados transportam em seus corações pelos clubes de origem, sem dúvida, tem-se constituído através dos anos na maior batalha que o futebol brasileiro é obrigado a enfrentar para conseguir sua afirmação. Contra isso, mais a falta de tradição e, inegavelmente, a falta de experiência e recursos dos dirigentes que conduzem o seu destino - além das transmissões, ao vivo, pela televisão -, é que esse futebol sofrido - mas, persistente - luta diariamente.

A paixão quase hereditária pelos clubes de seus Estados tem sido realmente o entrave maior. Passada de pai para filho, tem tornado difícil a tarefa de conseguir a presença de grandes públicos em nossos estádios, quando do Campeonato Brasileiro. E cariocas, paulistas, mineiros, gaúchos, cearenses, todos enfim, dificilmente encaram o futebol brasileiro sequer como opção de lazer no fim de semana.

Os clubes brasileiros e a Federação Metropolitana de Futebol, visando conseguir maior frequência aos estádios, já tentaram até mesmo proibir o televisionamento dos jogos de Brasília - mais que qualquer outro Estado - recebe com frequência, gerada do Rio, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, principalmente, durante quase todos os dias da semana. Mas não deu certo. Habituaos, os torcedores, principalmente os cariocas, revoltaram-se, e a



JORGE MARTINS
Editor de Esportes

ação (mesmo uma judicial) não deu em nada.

E enquanto os clubes tentam outras medidas capazes de cativar os brasilienses, vão ao mesmo tempo lutando para encontrar novos meios para conquistar terreno e tradição entre a população, que nas cidades-satélites aos poucos vai se implantando com mais facilidade que no Plano Piloto.

Mas, se desde 1960, quando Grêmio, Rabelo, Pederneras, Defelê e Guará começaram a luta, mesmo perdedores de diversos rounds, eles nunca desanimaram. Em 1972, por exemplo, quando tudo parecia perdido, surgiu o Ceub Esporte Clube, formado por um grupo do Centro de Ensino Universitário de Brasília que, decidido a implantar um profissionalismo sério no nosso futebol, contratou jogadores de nível de seleção, como Rildo (ex-Botafogo), Oldair, Roberto Dias, Cláudio Garcia (hoje técnico do Flumi-

nense), Fio Maravilha e outros tantos que deram ao futebol brasileiro nova dimensão e reuniram em torno de seu nome a maior torcida já conseguida por um clube brasileiro. Repentinamente, no Nacional de 72, toda Brasília passou a ter esse clube como o do seu coração na Capital Federal. E o Ceub não desapontou, obtendo grandes resultados para o seu recém-futebol profissional.

Mas em 76, devido a uma briga com a Federação, o Ceub decidiu desligar-se do profissionalismo e, mais tarde, deixou de existir, fato que deu origem a uma nova e terrível paralisação no desenvolvimento do futebol, já que sem um chamariz o torcedor voltou à sua televisão.

O Brasília, porém, só continuou a luta até que, como verdadeiro fenômeno, surgiu um outro clube realmente popular e que se tornou a coqueluche brasiliense de 1979 a 1980: o Gama Esporte Clube, da cidade-satélite do mesmo nome. Assim, as rendas voltaram e o estádio do Gama, a cada jornada, era um assombro, fazendo reviver o Ceub dos grandes dias. Mas, precisando de dinheiro e envolvido numa série de problemas, o Gama se desfez do elenco e, novamente Brasília voltou a ficar sem um clube de massa, apesar do Brasília, Guará, Soquinho, Tiradentes e do novo Ceilândia lutarem bravamente para manter o torcedor da cidade ligado nos acontecimentos do futebol local.

Hoje, estes seis continuam a brigar tenazmente, agora contando com o decisivo apoio (inclusive financeiro) do Governo do Distrito Federal. Neste Brasileiro recém-iniciado, o Brasília (Taça de Ouro) e o Guará (Taça de Prata) já estão recebendo esse auxílio e, nos gramados, brigam para alcançar a classificação capaz de provar aos brasilienses, principalmente aos que chegam, que também temos futebol. E entre camisas rubro-negras, alvinegras, coloradas e outras, procurando lembrar as tradicionais jaquetas dos clubes dos chamados grandes centros, o nosso futebol continua sua luta pela consolidação, difícil, mas que já mostra algumas vitórias como esse auxílio do GDF.



O estádio só enche quando vem um clube de fora